

## UM PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LUSO BRASILEIRO E A VIDA QUE O INSPIRA: A FESTA DE NAVEGANTES DE SÃO JOSÉ DO NORTE - RS

ALESSANDRA BURIOL FARINHA<sup>1</sup>; FABIO VERGARA CERQUEIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [alefarinha@yahoo.com.br](mailto:alefarinha@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [fabiovergara@uol.com.br](mailto:fabiovergara@uol.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está inserida na área de estudos interdisciplinares em memória e patrimônio (CNPq), tendo como objeto de pesquisa a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte<sup>1</sup> – RS. A Festa de Navegantes envolve diversos elementos que perpassam o patrimônio, a memória e a história do lugar, os quais nos ajudam a entendê-la como um fenômeno social, ao mesmo tempo em que a epistemologia das ciências históricas nos ensina sobre a importância do estudo das festas para a compreensão da sociedade, valores, comportamentos, relações, crenças.

A primeira Festa de Navegantes foi realizada no ano de 1811. Foi idealizada por trabalhadores do mar, operadores de embarcações denominadas catraias, responsáveis pelo transporte de carga e descarga de navios atracados, pescadores e famílias, dentre outros, os quais iniciaram neste ano um movimento de festividades religiosas em veneração a virgem dos Navegantes, para pedir a sua proteção e ao mesmo tempo agradecer pelo sustento que as águas propiciavam. De acordo com o Instituto Histórico e Geográfico de São José do Norte, desde aquela época, quando o tempo permitia, a procissão fluvial de Navegantes dirigia-se a Rio Grande, pelo canal do Norte, chegando a Rio Grande, onde estes devotos embarcados recebiam a bênção litúrgica e após regressava a São José do Norte. A Festa de Navegantes permanece ocorrendo na cidade anualmente, no dia 2 de fevereiro, estando em sua 205ª edição, sendo assim a mais antiga ainda ocorrendo no Brasil. Desde o ano de 2008 é considerada Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul.

O patrimônio cultural imaterial aflora da “vida” local, são referências herdadas por antepassados, que estando vivas na comunidade fazem sentido para quem as legou. Essas referências culturais (celebrações, saberes, danças, rituais, lugares), hoje passivas de registro pelo IPHAN como patrimônio cultural imaterial brasileiro, não têm valor intrínseco, não valem por si mesmos. O valor lhes é atribuído por sujeitos particulares, que têm as suas identidades expressadas e ao mesmo tempo reafirmadas, valorizadas pelo bem imaterial, assim como sua paisagem, seu trabalho, seu *savoir faire*, crenças, hábitos, e outros costumes (LONDRES, 2000, p. 13).

A Festa de Navegantes é a expressão da cultura popular local, refletindo as identidades, o trabalho, o cotidiano, dificuldades, relações, crenças e outros sentimentos, sendo assim, um patrimônio cultural imaterial luso-brasileiro, em território rio-grandense, que permanece há mais de duas décadas. Desta forma, o objetivo principal deste trabalho é assimilar as diversas informações e conexões contidas na Festa de Navegantes, interpreta-las para então compreender de que

---

<sup>1</sup> O município de São José do Norte encontra-se há cerca de 372 quilômetros de Porto Alegre. Faz parte de uma península situada entre o Oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos. A principal ocupação do lugar foi feita por remanescentes indígenas, negros, tropeiros, oriundos da Ilha da Madeira, refugiados de Colônia do Sacramento, portugueses do continente, mas principalmente do Arquipélago dos Açores.

forma a festa se relaciona com a vida dos habitantes locais que a fazem, montam, organizam, e a tornam um patrimônio cultural singular, uma forma de expressão de sua memória social que valoriza não apenas este grupo social, mas todo o entorno em termos ambientais, patrimônio edificado, atividades tradicionais da vila de pescadores, etc.

A comemoração da Festa de Navegantes em São José do Norte, assim como a devoção a Virgem Maria relaciona-se diretamente com a vida, cotidiano, território, trabalho, subsistência ligada às águas, seja com a pesca ou como transporte, dentre outros aspectos sociais. A festa contribui assim para a constituição de diferentes significações dos espaços, do território, fazendo deles suportes de memória, lugares carregados de história, que atravessam a memória viva (CANDAU, 2011, p. 157). Pode-se afirmar que a Festa de Navegantes, assim como as festas religiosas de forma geral, adquire singularidades relacionadas aos habitantes, à história do lugar onde acontece, se transformando, descartando ou incorporando elementos lúdicos e sujeitos sociais (PELEGRINI, 2011, p. 232). Assim, a pesquisa contribui para o entendimento desta dinâmica das relações da festa/memória/território/patrimônio.

A decisão de escrever sobre este tema surgiu quando detectado que a “vida” que inspira e garante a continuidade da Festa de Navegantes, muda com a ação da modernização. São José do Norte é, atualmente, uma das cidades que mais crescem no estado. Há investimentos em obras portuárias, aumento demográfico, transformações no território, criação de novas atividades, oportunidades de empregos temporários que estão gerando impactos sociais e culturais na tradicional vila de pescadores e, portanto, também na Festa de Navegantes.

De acordo com Funari e Pelegrini (2008, p. 84), a imaterialidade dos sentimentos religiosos associa-os, de forma muito direta, ao patrimônio cultural imaterial. Montenegro (2012) afirma que é da dinâmica da identidade cultural que se forma o patrimônio e que este não pode ser dividido em material e imaterial, pois é do equilíbrio entre o simbólico e o lugar que se constitui o que pode ser chamar de patrimônio. De acordo com a pesquisadora, é através da dinâmica da identidade que se constitui o patrimônio, são as pessoas, a paisagem, o espaço quem irá definir o que é o patrimônio local. O simbólico passa a constituir o patrimônio, a memória social. De acordo com Candau (2009, p. 49) a patrimonialização desempenha um papel essencial para autenticar uma narrativa coletiva de um passado compartilhado. Na realidade, é muito mais a crença nessa propriedade compartilhada que é transmitida - crença essa compartilhada - que a propriedade propriamente dita. A função principal da autenticação da narrativa, pela patrimonialização ou pela comemoração, é de favorecer a emergência de um compartilhar real, aquele da “crença” no compartilhar, crença adotada pelos membros do grupo (CANDAU, 2009, p. 49).

É possível aferir que a devoção, o ritual e a festa devem ser tomados como elementos da cultura material e imaterial que resistem à passagem do tempo, pois guardam sentidos de pertencimento entre os membros da comunidade (PELEGRINI, 2011, p. 252).

## **2. METODOLOGIA**

A pesquisa está se constituindo através de diversos momentos de investigação direta e indireta, a história (método histórico-científico e histórico-analítico) e a memória (documentos, depoimentos). O trabalho contempla uma dupla perspectiva combinada na análise: de forma complementar, a perspectiva histórica, que é do passado para o presente (a historicidade) e a perspectiva da

memória, dos significados atualizados, do presente para o passado. E que é nesta perspectiva que buscamos entender a rede de significações que permeiam e tecem a festividade e que adensam sua patrimonialidade, justificando e embasando sua patrimonialização.

Um dos principais métodos de pesquisa está sendo a história oral, em entrevista aberta com roteiro semi-estruturado, mas também estão sendo consideradas as oralidades, em momentos que não houver a possibilidade de registro documental, principalmente no momento dos rituais que envolvem a festa. A escolha desta metodologia baseou-se principalmente em Pollak (1989), quando afirma que diferentes referências de nossa memória podem descrever indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, e em Halbwachs (1990), que evoca o depoimento, afirmando que ele dá significado à memória coletiva, que somos o que lembramos.

Está sendo realizada pesquisa documental, em fontes primárias (manuscritos, Livro Tombo da Paróquia São José, etc.), em acervos da Igreja Católica de Rio Grande, antigos periódicos, Casas de Cultura, Museus, acervos públicos e particulares, fotografias, dentre outros. Também estão sendo feitas observações *in loco*, registro impressões pessoais, imagens, vídeos.

Estão sendo utilizados os inventários das festas e comemorações registradas no Livro de Registro das Celebrações do Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional (IPHAN) e o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) como ferramentas norteadoras do processo metodológico.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram selecionadas bases teóricas para discorrer sobre o tema, para circunscrever o objeto e suas peculiaridades, tais como HALBWACHS, 1976, 1990; RICOEUR, 2007; CANDAU, 2002, 2009, 2011; POLLAK 1989, 1992; PELEGRINI, 2009, 2011, GUARINELLO, 2001 dentre outros. As referências nortearão os processos de análise do material coletado. Foram realizadas várias incursões de campo, coletados detalhes dos diferentes momentos que antecedem, durante e posteriores da Festa de Navegantes, com registro de imagens, vídeos e impressões de campo. Foram entrevistados oito depoentes, selecionados por se relacionarem direta ou indiretamente com festa, dentre eles um agricultor, uma pescadora, o criador do atual hino da festa, e demais indivíduos que compõem esta rede de devotos e simpatizantes de Nossa Senhora dos Navegantes.

Os resultados preliminares encontrados na análise do trabalho de campo demonstraram que a Festa de Navegantes advém de uma devoção herdada dos portugueses açorianos que se instalaram em São José do Norte em meados do século XVIII, tendo assimilado outras religiosidades e sujeitos sociais. Como um legado vivo, é constantemente incorporada de práticas e memórias, produzindo uma herança cultural que conferem traços identitários e sentidos de pertença para as gerações futuras. A festa não apenas surgiu de um empenhamento das classes trabalhadoras, mas permanece sendo aclamada pelos populares, com intensa participação dos mesmos, caracterizando-a como um patrimônio cultural imaterial oriundo, não de uma classe dominante que por décadas contou com a patrimonialização de bens representativos do seu poder, mas das classes populares, ainda não contempladas pelos registros oficiais do patrimônio nacional.

Atualmente o trabalho está concentrado nas transcrições e análises do material coletado em fevereiro e março do corrente ano.

#### 4. CONCLUSÕES

As conclusões parciais obtidas através da análise do material coletado nas observações de campo, nas entrevistas formais e informais e na documentação histórica remetem à possibilidade de estabelecer na tese aspectos históricos da Festa de Navegantes, focando em aspectos materiais e imateriais da memória, capazes de auxiliar na compreensão do valor simbólico do fenômeno social, de sua força coerciva. A festa faz parte do cotidiano, do imaginário, da devoção, da história e memória social local integrando-se, portanto, na perspectiva de um importante patrimônio cultural imaterial luso brasileiro, um fato social total, uma manifestação sociocultural religiosa de mais de dois séculos de existência, a memória viva de gerações de nortenses, herdada principalmente da cultura portuguesa ligada ao catolicismo devocional.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDAU, Joel. **Antropologia de La memória**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.
- CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**. V. 01, n. 01. P. 43 – 58, 2009. Disponível em: <http://lasmic.unice.fr/PDF/candau-article-10.pdf>. Acesso em 11 out 2013.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C. A. **O que é Patrimônio Cultural Imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- GUARINELLO, Norberto. Festa, trabalho e cotidiano. In JANCSÓ, István e KANTOR, Íris. (Orgs.) **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. **Les Cadres Sociaux de La memoire**. Paris: Mouton, 1976.
- LONDRES, Maria Cecilia. Manual de Aplicação. **Inventário Nacional de Referências Culturais** - INRC, Minc/IPHAN, 2000.
- PELEGRINI, Sandra C. A. A salvaguarda e a sustentabilidade do patrimônio imaterial brasileiro: impasses e jurisprudências. In: FUNARI, P.P, PELEGRINI, S. RAMBELLI, G. (org.). **Patrimônio Cultural e Ambiental: Questões legais e conceituais**. São Paulo: Annablume, 2009.
- PELEGRINI, Sandra C. A. Tradições e histórias locais: as esperanças nas bandeiras do divino em São Luiz do Paraitinga (São Paulo – Brasil). **Revista Patrimônio e Memória**, v. 07, n. 1, p. 231-256, 2011. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/199> Acesso em 11 dez 2014.
- POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 02, n. 03, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2278> Acesso em 05 ago 2012.
- POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Revista dos Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, v. 05, p. 1-15, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941>. Acesso 11 out 2013.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a historia, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.